

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 22 DE JUNHO DE 1856.

N. 28.

PARTE LITTERARIA.

Recordações de viagem.

OS JESUITAS.

II.

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO.)

Por este rapido esboço verá o leitor as impressões que ali experimentei. A manhã ia-se adiantando; e força era continuar a digressão. Por atalhos igualmente ingremes e malgradados fomos andando mais uma legua até chegar ao collegio de Arrassariguama, edificado pelos jesuitas. Seriam nove horas, quando ali chegamos, e quando subiamos o monte, em que elle se edificou.

Sobre uma eminencia, cuja vista alcança uma legua em raio de circulo, existe este monumento da antiga civilisação theocratica: é mais uma pagina de pedra que nos certifica do poder immenso d'essa ordem tão notavel pelo seu saber e pelas suas arrojadas empresas. A escolha do local para a edificação foi muito acertada, porque por estes campos erravam os indios Goyanazes e era mister um lugar que materialmente, por assim dizer, fizesse sentir em suas almas o poder e influencia do catholicismo. A historia d'esse convento, a historia das cathequeses, que ali houveram, a historia das profundas amarguras, que talvez ali se curti-ram debaixo da roupeta grosseira do jesuita, não a recolheram os homens, nem mesmo a fiel narração d'essas dôres d'alma as podiam revelar os labios; mas, como Volney perguntei-as á solidão d'essas ruínas, apenas agora interrompida pelo pio das corujas; e o pavoroso silencio, que succedeu a esta minha pergunta mental, fez-me cahir em bem pesadas meditações. O fructo d'ellas reservo-o para escrever em um romance historico, em que me esforçarei por dar uma idéa, ainda que pallida dos bens que ao Brasil fez essa ordem notavel, e abundarei na idéa, ou na opinião que commungo da necessidade de haverem n'estas paragens d'estes estabelecimentos, que sirvam de recoletas, que sirvam de amparo e refugio a dôres que o tracto humano não pode consolar, e que antes martyrisa e aggrava com a sua indifferença brutal e cruel.

Este pensamento que eu busquei traçar e explicar em formas artisticas de romance no *Monge da Caloura* heide secundal-o no *Norico de Arrassari-*

guama, quando algumas treguas da minha assidua occupação me permittirem refrescar a imaginação copiando as scenas que me passavam pela alma ao contemplar esse edificio, cujas paredes se acham espedaçadas pelas azas fataes do archanjo da destruição.

O convento constava de um só dormitorio, e parallelas com o côro grande da igreja havia duas espaçosas salas. O refeitório e as outras officinas existiam no pavimento inferior. O templo é bastante vasto, e com o seu tecto de telha vã é a unica peça importante d'esse todo que ainda não está em completa ruina; mas em breve o estará, por que as chuvas já ali penetram com abundancia tal, que a crasta do templo estava ensopada. Por cima das traves giravam algumas corujas estonteadas pelo nosso rumor, tão desacostumado para ellas. A architectura é mediocre, mas o pulpito, em cuja face principal estão as letras cabalisticas da ordem, é notavel pela sua obra de entalhe, especialmente o sobre-céo, rematado por um alvo pelicano.

Para o lado opposto ao do convento havia pegado com a igreja um vasto aposento, que creio servia para os romeiros e para os catacumenos. Pelo lado posterior do templo havia outras officinas cujo uso se ignora.

Uma minuciosa descripção d'este edificio bem como dos lugares que o circundam, já hoje despidos d'aquelles immensos arvoredos, que deveria ter, reservo-o para o promettido romance.

Proseguimos a viagem até ao sitio denominado do collegio. Ali recebemos um bem servido almoco do Sr. Dr. Carlos Elidio da Silva, amigo intimo do meu companheiro de viagem, e hoje tambem meu. Depois de larga conversa, especialmente sobre a sua cultura do chá, que achei bastante cuidadosa, e já com um apuro, pouco commum, despedimo-nos; e por um caminho, pessim ocada vez mais, passamos as duas alentadas leguas, que hiam d'aqui até á villa de S. Roque, onde enfim chegamos fatigados, especialmente pela ardentia do sol.

Ao amanhecer do dia seguinte, comecei a dispor-me para a continuação da viagem, levando gravadas na memoria as horas de profundas impressões, que passei na ermida de Santo Antonio e no collegio de Arrassariguama, que são dous monumentos historicos, que attestam o poder d'essa ordem notavel, como nunca mais houve outra, que a podesse igualar e que tantos e tão relevantes serviços fizesse ao Brasil.

R. D'ALMEIDA.

Revista Peninsular.

A feição característica de um povo revela-se na sua litteratura; a indole das sociedades na imprensa, o espirito publico no jornalismo. O povo que não tiver uma litteratura, a sociedade que não tiver uma imprensa, a opinião que não tiver um jornal, nem é povo civilmente constituído, nem sociedade illustrada, nem opinião digna de ser aceita.

A transfiguração politica e administrativa porque tem passado o velho Portugal n'estes ultimos tempos, constitue uma fiel expressão d'estas verdades. Abalado pelas revoluções, enredado nos prejuizos tradicionaes, sceptico em politica e em religião, insensato e prodigo em administração, fidalgo pobre e ignorante, tribuno ousado e de meia sciencia, Portugal foi salvo pela sua mocidade litteraria, capitaneada por um genio, que é uma das suas maximas glorias, e que, atravez do sudario de pedra que o cobre, é ainda o seu nume tutelar.

Não foi a espada do duque de Bragança, nem as dos seus generaes, que remiram o novo Portugal da sua antiga decrepitude, foi a poesia de Garret e dos seus discipulos, foi a penna eloquente de Alexandre Herculano e da sua eschola, foram todas essas nobres aspirações d'uma mocidade, que transportou-se em espirito até ao reinado do velho cardeal, e ahí afinou as suas vozes nos accentos pungentes, mas grandiloquos de Camões, para cantar a nova era. Como os proscriptos de Syão, como os eleitos do futuro, que caminhavam para a Canaan da civilisação, como os cruzados das novas idéas, assim a mocidade portugueza, cheia de confiança em Deos, e alentada pelas esperanças da regeneração, chegou a conquistar o sepulchro, onde repousava a sua gloria.

No xadrez politico e diplomatico da Europa, Portugal já começa a ser considerado, não como até aqui em relação á sua feliz posição geographica, mas em consideração ao seu estado de illustração, em respeito ás suas fundadas aspirações, e em veneração ao rei sabio e virtuoso, que hoje cinge a coroa de D. Diniz e D. Duarte. Este estado de bem-aventurança no presente, e de largas esperanças no futuro, preparou-o a mocidade; e é ainda a mocidade, em quem se acha encarnada, por assim dizer, a glorificação de Portugal. Como os insectos zunidores de um dia, desapareceram os soneteiros, os fazedores de acrosticos, os vates das luminarias e dos outeiros, como as estrellas d'alva apareceram os poetas do novo cancionero da civilisação, e como o sol que alumia vão agora aparecendo os homens pensadores, os escriptores conscien-

ciosos, os apostolos de uma nova politica, os obreiros d'uma nova era social, d'uma nova historia monumental.

Estas tendencias, estas aspirações, e esta feição característica revelam-se nos escriptos de Alexandre Herculano, de Castilho, de Rebello da Silva, de Lopes de Mendonça, de Mendes Leal, de Oliveira Marreca, de João de Lemos, de Latino Coelho e de toda essa gloriosa pleiade dos cultores da moderna litteratura.

A *Revista Peninsular*, que, por assim dizer, é o valle commum onde se congregam, se abraçam, se confraternizam essas formosas intelligencias; que é o Pantheon das illustrações e o Gymnasio dos talentos, é a representante d'uma idéa regenerada, d'uma idéa de summo e significativo alcance.

A imprensa é o ponto luminoso, onde reflecte a irradiação da intelligencia, é o ponto de apoio das grandes doutrinas e das verdades summas, é o crisol, onde se purificam; é o ovario onde se opera a incubação das idéas: é a tenda do general onde se dispoem e calcula o plano do ataque e defesa, onde se prepara o triumpho e o aniquilamento: a *Revista Peninsular* é o ponto luminoso, o crisol, o ovario, onde se basêa, onde se purifica, onde se fecunda a civilisação iberica, é a tenda do general onde se combina o triumpho civilizador, e onde se aniquilará os preconceitos, e as rivalidades de confinantes.

A *Revista Peninsular*, diz o Sr. Mendes Leal, abrindo uma nova era litteraria aos dous paizes, cujo movimento intellectual é destinada a representar, acceita o culto das tradições, com tanto fervor como se prepara a entrar nas lides do porvir. Sabe ella que a esperança e a fé são irmãs; sabe que a historia é uma parte da educação dos povos. Não admira pois que applicando os seus esforços a estes, comece pela invocação de um nome que pertence áquelle.

Cousa singular! As duas nações quedão fraternalmente as mãos na pininsula iberica, conhecem-se menos do que geralmente conhecem as que lhe ficam mais distantes. Todavia as fontes da sua historia são as mesmas, as suas origens ethnographicas tornam-as irmãs, os periodos da sua grandeza tem corrido parallellos, os progressos do seu espirito correspondem-se, as suas affinidades e analogias tocam-se por toda a parte, a sua ascendencia é commum, corre-lhes nas veias o mesmo sangue: repartio-lhe Deus o mesmo solo, o mesmo clima, repartiram-se entre si a mesma herança, e, apesar de tudo, ignoram-se nas relações mais elevadas, mais proficuas e fecundas. Pois nenhuma

d'ellas tem que invejar á outra. Colombo e Gama foram de mãos dadas á immortalidade. Pedro Alvares e Cortez são da mesma familia de navegadores heroicos. Cervantes e Camões da mesma raça de poetas soldados.

As duas nações da Península nasceram para a mesma cultura. E tem a sua, bem sua, sem inveja a ninguém. Basta só que Portugal queira ser Portugal, e a Hespanha se conserve Hespanha, para que o commercio litterario dos dois paizes naturalmente se ligue, se estreite, e reciprocamente se desenvolva. Todas as affinidades tendem espontaneamente a approximar-se. Os povos peninsulares tem a sua indole propria. Não de entender-se, logo que renovem o tracto esquecido.

A monomania de imitar o que muitas vezes é imitado do nosso primitivo impulso, não se deve equivocar com a inspiração generalisadora, que impelle a humanidade para novos destinos. Torne-se embora o mundo uma grande familia e cada povo um membro d'ella. Não ha, nos individuos do mesmo grupo domestico, diversas feições, espiritos differentes, phisionomias varias? Apresse a sciencia a communicabilidade; elimine as distancias; transmita o pensamento de um polo a outro, mas veloz que o relampago; ponha Pariz a horas de Londres, as Indias a dias da Europa, e Calcutá pendente de um fio n'uma secção do *Telegraph-Office*, nem por isso deixará cada terra de ter as suas saudades como tem cada homem as suas paixões.

O espirito philosophico da humanidade não mata a poesia das nacionalidades. É engano pensal-o, parece-nos. Quando se unem e se entendem, resulta um consorcio e nasce a historia de todos os progressos humanos. A poesia é como o amor, o principio fecundante; a philosophia é, como a intelligencia, o principio reflexivo. Será impossivel ou absurda a união?

Depois d'estas considerações, é facil de conceber-se, que a *Revista Peninsular* representa a conveniencia da união espirital da península, e nunca a administrativa, como alguém poderia suppor do seu titulo. A união politica da Hespanha e Portugal, sob o mesmo sceptro é uma utopia, a união diplomatica e litteraria é uma conveniencia em proveito e ambos os paizes.

Para fecundar e fazer triumphar nos factos este generoso empenho acham-se dispostos, por parte da Hespanha as suas primeiras illustrações capitaneadas por Martinez de la Roza, por parte de Portugal todos os nossos bellos talentos, capitaneados por Alexandre Herculano.

Citando estes nomes, conseguimos o nosso em-

penho n'este ligeiro artigo, que tem por fim recomendar aos leitores da *Semana* a leitura da *Revista Peninsular*: n'um paiz, cuja lingua nacional é a de Camões e Vieira, cujas tradições, cuja religião, e cuja litteratura são ainda as mesmas, a *Revista Peninsular* hade e deve encontrar um generoso acolhimento.

Pela nossa parte, a duas mil legoas da querida terra da patria, applaudimos o generoso empenho do novo jornal: e o fazemos com fervor e entusiasmo, porque todos esses escriptores portuguezes são nossos irmãos de criação intellectual, parentesco este, ligado por vinculos de crenças e recordações, que só hade apagar a terra da sepultura.

F. M. RAPOZO D'ALMEIDA.

PARTE NOTICIOSA.

Enjurias jornalisticas.

N'um dos numeros da semana passada o *Jornal do Commercio*, relatando o facto d'uma ameaça com o escandalo da imprensa, faz muito justas e accertadas observações sobre a criminalidade de um semelhante procedimento.

Folgamos de ver que a folha de mais vasta circulação no imperio assim se pronuncie; pois é signal que a sua direcção está disposta a não ser cúmplice n'esse infame expediente de valerem-se da imprensa, não só para extorquir quantias, como para cuspir affrontas, muitas vezes em respeitaveis chefes de familia.

Passa já como axioma entre nós, declinar para os jornaes a satisfação de qualquer despeito ou negocio, por mais particular e intimo que elle seja; ha ainda muita gente que só reconhece o tribunal da *Pacotilha* de execranda memoria, d'esse poste infamante em que semanalmente era açoitada até a honra e o pundonor das familias.

O jornalismo deve tornar-se sobranceiro a estas miserias pessoas, não contemporisar com ellas, e não se prestar a esses infames desaforos, que diariamente se assoalham no jornalismo.

Graças ao *Diario do Rio*, que em geral tem sabido manter-se com muita dignidade a este respeito; peza-nos não poder dizer outro tanto do *Correio Mercantil*, que é hoje a folha mais accessivel a esses despeitos pessoas.

Que um individuo ou um partido seja mais ou menos violento na manifestação de uma idéa, ou d'uma doutrina, passe embora; mas que empresas

jornalisticas se prestem, por *um tanto por linha*, a que um terceiro atassalhe a honra e o credito do seu desafeitado, é este um escandalo que só peza sobre o jornalismo diario : as folhas, ou folha, que assim procedem, muitos do publico as conhecem, porque ou elles ou seus amigos tem ali soffrido torturas.

Além dos especuladores a que o *Jornal do Commercio* se refere, ha uma outra ordem de cyganos, que, depois de haverem feito umas contas de grão-capitão ao empregado publico, ao official militar, ao estudante, ou ao filho-familia, ameaçam-os com um *chamado pelo jornal*. Ha centos d'estes factos, como ha centenares de sacrificios, e milhares de lagrimas e dissabores. Este expediente irroga hoje uma injuria, por que expõem o chamado pelo jornal ao desconceito publico, e este crime é punido pelo codigo criminal.

É já tempo de que a imprensa se nobilite, e que seja entre nós fogo que allumie e vivifique, e não chamma e incendio que devore.

Manifestações a Lamartine.

O *Diario do Rio*, e depois o *Correio Mercantil*, accessos n'um santo enthusiasmo pelas letras, apresentaram-se procuradores officiosos a favor de Lamartine; e appellaram para os seus leitores, solicitando assignaturas, que, em *authographos*, devem ser remettidas ao maior poeta da França, ao poeta querido de todas as litteraturas vivas.

Louvamos sobremaneira estas provas de consideração que se dá a um grande genio, e a uma colossal e monumental intelligencia, que se está purificando e sagrando no cadinho da adversidade; mas não podemos deixar de nos maravilhar á vista d'esta dedicação, que não tem precedentes na nossa imprensa jornalística.

É sabido e reconhecido, que os nossos escriptores não tem obtido o mais leve favor do jornalismo, salvo aquelles que tiveram a *fortuna* de lhe cahir em graça, ou participarem da sua protecção; antes ao contrario sabe-se que os annuncios de obras litterarias são restrictamente pagos (facto unico seguido pelo nosso jornalismo commercial) e sabe-se mais, que aos que não pertencem á communhão d'aquelle Arcopagos, ou são esterilizados pela indifferença, ou apodados desabridamente como o foi o Sr. Muniz Barreto da Bahia, em uma folha que, por muitas razões, devia respeitar aquelle representante de uma eschola poetica.

Em quanto duas folhas diarias, exactamente as da ovação a Lamartine, se prestam á publicação de

artigos, que pretendem marear a gloria da *Confederação dos Tamoyos*, ostenta-se um zelo, — quem sabe se interesseiro, — pelo *Curso de Litteratura*.

Este enthusiasmo por Lamartine, este ciúme latente pela gloria do Sr. Magalhães, esta indifferença, este exclusivismo por tudo quanto é letras entre nós dão-nos o direito a duvidar das boas intenções da ovação.

Pouco viverá quem não chegar a ler uma carta de Lamartine aos Srs. Redactores do *Diario do Rio* e do *Correio Mercantil*, por se lhe haverem apresentado, acompanhados de muitos nomes, mostrando assim a sua influencia pessoal. Se na acceitação houver codilho ou um empate de vazas, ha de elle ser contra o *Diario*, pois o *Correio* acompanhou-se de todos os matadores.

REVISTA THEATRAL.

Uma artista de merito.

É geralmente reconhecido o estado de depreciação, em que se acha a arte dramatica, e a vida custosa, vegetativa, e sem estimulo dos artistas. Mas não é isto porque não tenhamos no pessoal dos theatros muitos talentos de vocação, que aproveitados, e congregados convenientemente, dotariam a capital com um theatro regular e conceituado, apto a garantir aos autores um uniforme desempenho de suas produções.

Entre esses artistas mal aproveitados, mal conhecidos, e ainda peor dirigidos mencionaremos um nome, para o qual pediríamos toda a attenção, porque póde um dia illustrar a arte, como já hoje a honra; fallamos da Sra. D. Deolinda Pinto da Silveira.

No dia do seu ultimo beneficio, parte da imprensa diaria solicitou a concorrência do publico, a favor de uma honesta mãe de familia; pela nossa parte não só consideramos a Sra. Deolinda n'esta respeitavel qualidade, como tambem a recomendamos como artista de reconhecida vocação para a scena. Se não é feliz no alto drama, não lhe conhecemos aqui rival no *vaudeville*. Boa presença, maneiras graciosas, expressão clara e accentuada, feliz memoria, docilidade e boa vontade, taes são as qualidades artisticas que reconhecemos na Sra. Deolinda.

Lamentamos não a ver mais convenientemente collocada; e n'uma companhia regularmente organizada, onde se podesse aproveitar a sua dedicada vocação para a carreira artistica do theatro.

O publico acaba de dar-lhe um não equivoco testemunho de apreço ; e nós nos associamos a essa espontanea manifestação, fazendo votos para que a Sra. Deolinda seja mais considerada, e melhor aproveitado o seu reconhecido talento:

F. A.

Gymnasio dramatico.

O *Correio Mercantil*, com a sua auctoridade de papa jornalista continua a recommendar o bello e applaudido drama o *Demi-Monde*; e ainda uma vez convida os espectadores a irem verificar a pretendida immoralidade da obra 'prima de Dumas filha.

Já por mais de uma vez dissemos e repetimos, que o *Demi-Monde* é uma comedia immoral na forma e immoralissima no fundo, e que é um escandalo para o publico, e uma vergonha para o Conservatorio a sua reproducção na scena.

Já convidamos os Gustavos Plances do *Correio Mercantil* a fundamentarem a sua opinião *ex-cathedra*; e fizeram orelhas de mercador. Permittam-nos que não acreditemos na sua opinião: somos amigos de Platão, mas muito mais amigos da verdade; e n'estas cousas ver para crer.

Se continuarem a responder-nos com um encolher de hombros, responder-lhes-hemos com outro; em questões litterarias valem as razões e a urbanidade, e não essas bufaradas de auctoridade, que satisfarão um orgulho pessoal, mas nunca a anciedade das pessoas que sinceramente desejam ser esclarecidas.

Theatro lyrico.

A caveira de burro continua a estar enterrada nos alicerces do provisorio permanente, e os miolos d'essa caveira continuam a dirigir aquella Babel inexplicavel.

Ha um lenda popular que diz ter havido um ferreiro amaldiçoado, que quando tinha o ferro faltava-lhe o carvão: o theatro lyrico é o ferreiro maldicto. Até aqui tinha damas, mas não tinha tenores, agora tem os tenores Tamberlik e Sicuro, mas não tem damas que os acompanhem: a Sra. La-Grua e a Sra. Grimaldi estão indispostas.

Mas por fim hão de cantar: porque o publico tambem não está disposto á alta dos preços, e com tudo ha de acarretar a sua pedra para o edificio da asneira.

Na segunda feira *trovaram o Trovador*. A Sra. La-Grua não podendo vingar-se da directoria vingou-se no publico: cantou a ponto de *encantar-se*.

VARIEDADES.

Nova monita secreta.

Com este titulo recebemos ha tempos o pequeno artigo que se vai ler, e que é escripto pela conceituada penna de um cavalheiro, que pela segunda vez escreve para as columnas da nossa folha.

« O Santo Padre Ganganelli, e o consumado estadista marquez de Pombal, pensaram que, extinguindo a corporação dos Jesuitas, tinham para todo o sempre feito desaparecer com ella os estatutos que a regiam. Enganaram-se redondamente.

O jesuitismo anda a rodo por todo o mundo; e mais do que em qualquer parte, nesta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Tinham esses reverendos sacerdotes sua *monita secreta*, e assim como da queima da biblioteca de Alexandria pelo façanhoso Omar, escaparam alguns livros preciosos, tambem esse codigo, que dá regras para o predomínio, escapou ao raio do vaticano e á omnipotencia do habil ministro.

Quasi todas as profissões tem a sua *monita secreta*, e a imprensa de grande formato a tem entre nós como nenhuma outra profissão, maxime nos rodapés.

Quem não é pelo menos *roupeta* dos tres grandes rodapés, e aventura principalmente algumas idéas sobre theatros, e o modo de os costear, ai d'elles! Ouve musica com solfa de fá bordão, e não ha ahi meio de furtar o corpo á pancadaria: ha de aguentar-a e com cara alegre, quando não... é de todo banido da republica das lettras, sem ao menos o ser ao som de hymnos, trascalando pivetes como os poetas que Platão condemnava ao exilio.

Da observação temos colhido estas verdades, e as damos á estampa, não com o fim de guerrear a *poderosa monita secreta*, porém no intuito de não deixarmos passar desapercibidos, e sem cota de suspeitos, os elogios e galanteios que os novos sacerdotes se mutuam, e os vituperios, invectivas e descortesias com que querem anniquillar os creditos dos adversarios que combatem, ou que não sabem combater.

A ultima publicação das *Paginas menores* por ahi corre, e o que nella escreveu a penna de ouro do elegante escriptor?

Mutatis mutandis « além do Sr. S. F. (que é adepto da ordem) todos aquelles que escrevem sensuras a theatros nacionaes, fóra das regras estabelecidas pelas paginas menores, são aristarchos

inhabilitados, aos quaes se deve estampar nas fronteiras o distico—profanadores da musa—e mais alguns pugillos de canella no sentido da apostrophe de Antonio José no drama do mesmo nome.

Esta coarctada, que merece um *puff* de pulmões de Boreas, é uma lufada de orgulho capaz de alterar a calmaria constante das aguas do sacco de S. Francisco!

Porque chancellaria transitou o seu diploma de censor o illustre redactor das paginas menores?

Quaes os pontifices que lhe concederam bullas para anathematisar, e dispensar indulgencias em materia de litteratura? Não foi a applicação, não foram os livros? Ou seria alguma lingoa do fogo que acendeu o engenho dos apostolos, e os purificou das ignorancias terrenas?

Cremos que foi oestulo, e como o elegante escriptor não tem privilegio exclusivo de escrever para os theatros nacionaes, e não está autorizado a monopolisar o exame de dramas, que *são moraes na forma e são moralissimos no fundo*, tolere que os profanos digam alguma cousa, e não os esmague com todo o peso de seu saber magistral.

Nas questões de doutrina não bastam palavras bem cunhadas, phrases bem torneadas cumpre haver discussão, demonstrações, e tudo mais que o nobre escriptor sabe, e de que não quer fazer uso, porque intende que disendo—é critica absurda, é aristarcho inhabilita pobre critica e o pobres censores assim *vingados* ficam sendo sem appellação absurdos e inbabeis.»

O Imperador Alexandre.

N'uma occasião em que o imperador Alexandre viajava pela pequena Russia, chegou a uma aldeola: e em quanto mudavam os cavallos, apeou-se da carroagem, dizendo aos postilhões que tinha vontade de andar um pouco a pé, e que, por consequencia, não se apressassem. Depois dirigindo-se sósinho, vestido com uma sobrecasaca á militar e sem nenhuma insignia, começou o seu passeio. No fim do logarejo, vio dous caminhos. Ignorando qual d'elles devia tomar, aproximou-se d'um homem, que tinha vestida uma sobrecasaca quasi semelhante á sua. O homem estava fumando n'um cachimbo, e assentado n'um banco á porta da sua casa.

— Meu amigo, lhe disse o imperador, qual dos dous caminhos devo eu tomar para ir a...?

A esta pergunta, o homem do cachimbo medio o interrogador desde os pés até á cabeça, muito admirado de que um simples viajante se atrevesse a fallar com tanta familiaridade a um homem da

sua importancia, mórmente na Russia, onde a differença das patentes estabelece uma distancia tão grande entre os superiores e os inferiores; e, por isso, deixou cahir desdenhosamente, entre duas baforadas de fumo, as seguintes palavras:

— Á direita.

O imperador comprehendeu a causa d'aquelle orgulho bem legitimo, e aproximando-se do homem do cachimbo, disse-lhe, levando a mão ao chapéo:

— Perdão, meu senhor, se lhe faço ainda outra pergunta.

— Qual é?

— Permitta-me que lhe pergunte qual é a sua patente no exercito?

— Adevinhe.

— É tenente?

— Suba.

— Capitão?

— Mais acima.

— Major?

— Vá subindo.

— Chefe de batalhão?

— E' verdade, e não me custou pouco a lá chegar. O imperador fez uma cortezia.

— E agora lhe disse o seu interlocutor, persuadindo-se de que fallava com um inferior, não fará favor de me dizer quem o senhor é?

— Adevinhe, respondeu por sua vez o imperador.

— Tenente?

— Suba.

— Capitão?

— Mais acima.

— Major?

— Vá subindo.

— Chefe de batalhão?

— Mais, mais.

O interrogador tirou o cachimbo da bôca.

— Coronel?

— Ainda não chegou.

O interrogador endireita-se, e toma uma attitude respeitosa.

— V. Ex. será tenente-general?

— Vai-se aproximando.

— Nesse caso, Vossa Alteza, é feld-marechal?

— Faça mais um esforço, senhor chefe de batalhão.

— Sua Magestade Imperial! bradou então o homem, deixando cahir o cachimbo, que se fez em pedaços.

— Em pessoa, respondeu Alexandre, sorrindo-se.

— Ah ! Senhor ! perdoe-me, disse o official cahindo de joelhos.

— Que diabo quer o senhor que eu lhe perdôe? disse Alexandre. Perguntei-lhe qual era o caminho que devia tomar, disse-me qual era, e fico-lhe muito obrigado.

E o imperador, despedindo-se com a mão do pobre chefe de batalhão estupefacto, tomou o caminho á direita onde em pouco tempo o veio encontrar a sua carroagem.

Um inglez amoroso.

Segundo affirma o *Jornal de Constantinopla* occorreu ha pouco, um facto em Kamara, que tem o que quer que seja de dramatico.

Um inglez, bello e elegante mancebo, apaixonara-se por uma gentil vivandeira piemontesa, e como lhe era familiar o suave dialecto do Dante, era mui assiduo em fazer-lhe a côrte. Os feiticeiros olhos da bella italiana haviam, como bem é de esperar, posto em campo rivaes immensos contra o nosso apaixonado inglez. Depois de repetidas scenas nascidas do conflicto de tantas e tão porfiadas rivalidades, o inglez, cada vez mais preso nos laços que amor lhe armára, tomou a heroica resolução de roubar a sua Helena, para a libertar das perseguições dos seus rivaes.

Por fatalidade, estes, prevenidos a tempo, correram afim de prender o inglez no proprio instante em que este punha o seu projecto em execução.

O roubador quiz defender a sua conquista, desembainhando corajosamente uma espada, que já fôra o terror dos russos; porém, depois de uma desesperada resistencia, succumbio crivado de feridas, preferindo a morte á perda d'aquella que tanto amor lhe inspirára.

Esta pequena tragedia produzio uma profunda sensação nos dous acampamentos.

Em a noite antecedente ao lamentoso acontecimento que acabamos de narrar, noite fria e chuvosa, um *hikhländer* que estava de sentinella vio um mocho pousado na chaminé de uma barraca, bater estrepitosamente as azas, e piando umas poucas de vezes lugubrememente.

Ha quem ouse asseverar que a barraca de que fallamos, era justamente aquella em que repousava o nosso namorado, o qual, n'esse momento, sonhava que tendo arrebatado a sua bella para longe da cubiça dos seus rivaes, vivia feliz na companhia d'aquella por quem tudo sacrificára: amigos, ambição, gloria e patria !

CHRONICA SEMANAL.

II.

Pelas noticias que do Norte tem chegado no decurso [d'esta semana, vemos que dous grandes males continuam a pezar sobre aquella parte do nosso imperio. Já não é sómente a falta de braços, nem a carestia dos viveres que a empobrecem; outras são as causas que impedem o seu desenvolvimento e que retardam o seu progresso.

Uma d'ellas é a perversidade do coração humano, que busca no seio do crime saciar, por meio do punhal assassino, a sua sede de destruição; a outra é a justiça de Deos, fulminando a sociedade para que ella, compenetrando-se da ver lade eterna, não transgrida os deveres da religião, nem olvide os preceitos de Christo: a cholera e a febre amarella, como dous archanjos de destruição estão assolando uma das mais bellas porções do Brasil.

Não são esses os unicos factos que do Norte trouxe-nos o *Paraná*. A' par d'essas noticias lugubres, algumas outras vieram da Bahia que, por sua importancia, não deixaremos de mencionar. Uma é a installação da sociedade para a promoção da liberdade da classe escrava, e outra é a criação de um banco em beneficio da lavoura e de todas as industrias em grande e pequena escala. Ambas estas sociedades attestam o espirito patriotico e civilizador dos seus fundadores e os principios liberaes de que são dotados.

A primeira, cuja idéa partiu da classe academica d'aquella cidade, tem por fim a liberdade dos escravos, começando pelo sexo feminino.

A segunda já apresentou o seu projecto e por elle se vê que pretende dispor de um capital de 12 mil contos, comprehendendo o circulo de suas operações todas as transacções proprias de taes estabelecimentos.

Proteja o governo essas emprezas e melhorará muito a sorte do paiz.

Pelo que diz respeito a esta capital, quasi nada de novo se tem dado.

As camaras continuam no seu *habitual* trabalho, e os theatros no seu não interrompido fadario. Em quanto por um lado enchem-se as galerias das camaras de certo numero de expectadores, que delectam-se a ouvir o re'ncontro das vozes, que se debatem em suas discussões politicas, do outro lado os amantes de Verdi, Rossini... de Dumas, Scribe, Thibourt... etc, dedicam toda sua attenção ás harmonias do canto ou ás peripecias do drama.

Por fallarmos em theatro, é muito justo que também digamos achar-se a estréa do Tamberlik transferida para quando *ainda* se annunciar. Devia ter lugar no dia 26 do corrente, porém molestias da Sra. La Grua o impossibilitaram, tornando d'esta sorte, por demorada, mais desejavel o apreçamento do novo Othelo. A elevação dos preços nas entradas, que nos affirmam já haver sido approvada pelo governo, não servirá de impedimento para a concorrência: os dilletantis são curiosos como as mulheres.

Do Theatro, e do canto para a poesia a transição não será, por certo, difficil. O canto exprime o que a alma sente; a poesia é o enlevo das sensações que se procuram fazer entendidas.

Assim vos participamos que já se acha publicada a 1.^a edição do Poema do Sr. Magalhães, e que brevemente sahirá á luz a 2.^a. Quanto ao merecimento da obra, nada pretendemos referir, não só por que ainda não a obtivemos, como porque as opiniões que d'ella se hão formado são divergentes.

Tambem chegaram de Portugal as poesias do Sr. Faustino Xavier de Novaes, e pelo que d'ellas lemos nos pareceram excellentes. Citamos apenas a que tem por titulo:

DESESPERAÇÃO.

A vida!.. Que importa a vida,
A quem vive p'ra soffrer,
Tendo só fel por bebida,
E só ossos p'ra roer!
Com receio d'ir ao fundo,
De que serve andar no mundo,
A remar contra a maré,
Entre roda de navalhas,
Vendo a esp'rança de cangalhas,
Vendo a dor sempre de pé?..

Passo dias infelizes
Sem poder nunca estancar,
Nos olhos dous chafarizes,
Mas d'agua quente, a escaldar!
Se toca a fogo em meu peito,
Dizem-n'ó porto suspeito,
E socorro peço-o em vão:
Ninguém conta as badaladas
Que soam, desentoadas,
Nas torres do coração!

Força-me o negro destino
A' entoar tristes canções,
Como o badalo do sino
Sempre, sempre aos trambolhões!
Se me veem do abysmo á borda,
Mais me puxam pela corda,
E a gemer me obrigam mais!
Com desdens, com indiff'enças,
Caçam as minhas crenças
Como quem caça pardaes!

Que importa a vida, passada
Entre amarguras crueis?
Vede-me a face molhada
De pranto por dous toneis,
Que teem bocca os meus olhos,
E onde tormentos aos molhos
A magua vão espremer!
Ninguém lhe tapa o suspiro,
E eu gemo, choro, e deliro,
Heide me assim desfazer!

Joven sou, velho pareço,
Porque a dor me envelheceu!
Se esta vida é um tropeço,
Quem tropeça mais do que eu?
D' esta fronte, encanecida,
—Como em vistosa e comprida
Taboleta de armazem—
Pode ler-se no destroço:
« Aqui se chora por grosso,
Aqui se geme também. »

E assim vou rompendo as solas
No mundo, em busca da paz,
Ate que, rotas as molas,
Venha a morte, e diga:—zás!..
Então, sim!.. na sepultura
Hade findar a amargura,
Porque nada amarga alli;
Não terei, dentro da toca,
Estes amargos de bocca,
Tão amargosos aqui!

Venha a morte! venha a morte
Meus tormentos acabar!
Tenho já meu passaporte,
Posso á cova caminhar!
E depois, lá sobre a louza,
Grave-me alguém qualquer cousa,
Por este modelo meu:
» Aqui jaz pobre paleta,
» Que entregue á moda—poeta—
» Tanto chorou, que morreu! »

Depois de versos escrever-se prosa, não é das cousas mais agradaveis; mas como, torna-se necessario dar fim á esta chronica, o faremos noticiando que o Sr. Marquez de Paraná cedeu, á pedido do Sr. Dr. Torres Homem, director da Faculdade de Medicina, o recolhimento da Santa Casa, para n'elle ser estabelecida a mesma Faculdade. E' uma lembrança muito acertada, pelas vantagens que resultarão á bem do ensino e aproveitamento das sciencias medicas.

EL.

Expediente.

Com este numero distribue-se o n. 5 *Revista Catholica*, e com o immediato se distribuirá o n. 6 já augmentado, e formando 8 paginas, com o expediente da Curia Episcopal, das diversas ordens religiosas, e mesmo dos diversos bispados e muito especialmente do Instituto Episcopal Religioso de que é rgão.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 120.